

Aula 7 – O New Criticism: A Autonomia do Texto

Você já se sentiu perdido ao tentar entender uma obra literária, sem saber se deveria focar na vida do autor, nas suas intenções, ou apenas no que o texto dizia? Ou talvez, ao ler uma crítica, percebeu que a análise se desviava para a emoção do leitor, em vez de se ater à complexidade da própria obra? Essas são questões fundamentais que a Teoria Literária busca responder, e nesta aula, mergulharemos em uma das correntes mais influentes do século XX que propôs uma resposta radical: o **New Criticism**.

Entender o New Criticism não é apenas uma exigência para quem busca aprofundar-se nos estudos literários ou se preparar para concursos públicos na área de Linguagens e Estudos Culturais. É, acima de tudo, uma forma de aprimorar sua capacidade de leitura crítica, de desvendar as camadas de significado de qualquer texto e de argumentar com base em evidências concretas. Ao final desta aula, você será capaz de identificar os princípios do New Criticism, aplicar a metodologia do "close reading" e analisar conceitos-chave como ambiguidade, ironia e paradoxo, fortalecendo sua autonomia interpretativa.

Nossa jornada começará explorando o cenário que deu origem a essa escola de pensamento, passando pela crítica às "falácias" que desviavam o foco do texto, até chegarmos à metodologia que revolucionou a análise literária. Veremos como o New Criticism nos convida a olhar para a obra como um objeto autônomo, completo em si mesmo, e como essa perspectiva, mesmo com suas críticas contemporâneas, continua a ser um pilar para a compreensão da literatura. Prepare-se para afiar seu olhar e descobrir um novo universo de possibilidades interpretativas.

O Palco Está Montado: Contexto e Precursores do New Criticism

Imagine o cenário literário do início do século XX. A crítica literária frequentemente se perdia em discussões sobre a biografia do autor, suas intenções ao escrever, ou as reações emocionais que a obra provocava nos leitores. Era comum que a análise de um poema se transformasse em uma aula de história sobre a vida do poeta, ou que a avaliação de um romance dependesse da identificação pessoal do crítico com os personagens. O texto, em si, parecia ser apenas um pretexto para outras conversas.

📄 **Contexto Histórico:** No início do século XX, a crítica literária carecia de rigor metodológico e objetividade, focando mais em elementos externos à obra do que no texto propriamente dito.

Nesse contexto efervescente, onde a literatura era vista mais como um espelho da vida ou da mente do autor do que como uma construção artística independente, começaram a surgir vozes que clamavam por uma mudança. Havia uma crescente insatisfação com a falta de rigor e objetividade na análise literária. Muitos sentiam que a essência da obra de arte estava sendo negligenciada em favor de elementos externos que, embora interessantes, desviavam a atenção do que realmente importava: o texto em sua materialidade e complexidade.

Foi nesse ambiente que figuras como **T.S. Eliot**, poeta e crítico anglo-americano, desempenharam um papel crucial como precursores. Eliot, com sua visão de que a poesia deveria ser impessoal e que o poeta era um "catalisador" que transformava experiências em arte sem deixar sua marca pessoal explícita, começou a pavimentar o caminho para uma nova forma de pensar a literatura. Ele defendia que a obra de arte tinha uma existência própria, separada de seu criador, e que o foco da crítica deveria ser a estrutura e o significado internos do texto.

A Revolução do Olhar: Nascem as "Falácias"



Falácia Intencional

Basear a interpretação na suposta intenção do autor



Falácia Afetiva

Determinar o significado pelas emoções do leitor

A insatisfação com a crítica literária tradicional, que muitas vezes se desviava para aspectos externos à obra, culminou na formulação de conceitos que se tornaram pilares do New Criticism. Os teóricos dessa escola, como W.K. Wimsatt e Monroe C. Beardsley, perceberam que, para focar no texto, era preciso primeiro "limpar o terreno" de abordagens que consideravam equivocadas. Eles cunharam dois termos que se tornaram famosos: a "**falácia intencional**" e a "**falácia afetiva**".

Pense em um detetive investigando um crime. Ele não pode se basear apenas no que o suspeito *diz* que pretendia fazer, nem nas *emoções* que o crime provoca nas testemunhas. Ele precisa de evidências concretas, de fatos que estão ali, no local do crime. Da mesma forma, os New Critics argumentavam que a análise literária precisava de um foco semelhante, um olhar forense sobre o texto.

A crítica a essas "falácias" não era um ataque aos autores ou aos leitores, mas sim uma tentativa de estabelecer limites claros para a interpretação. Era um convite para que a crítica literária se tornasse mais rigorosa, mais disciplinada e, acima de tudo, mais fiel à própria obra. Ao descartar o que estava fora do texto, eles abriam espaço para uma exploração profunda do que estava dentro, pavimentando o caminho para a metodologia que viria a ser o coração do New Criticism.

A Armadilha da Intenção: Desvendando a Falácia Intencional

Você já leu um poema e pensou: "O que será que o autor quis dizer com isso?" É uma pergunta natural, não é? Nossa mente tende a buscar a origem, a intenção por trás de uma criação. No entanto, para os New Critics, essa busca, quando se torna o critério principal para a interpretação de uma obra, é uma armadilha: a **falácia intencional**.

A falácia intencional ocorre quando tentamos determinar o significado de um texto baseando-nos na suposta intenção do autor. Wimsatt e Beardsley argumentaram que a intenção do autor, mesmo que pudesse ser conhecida (o que é raro e muitas vezes impossível), não é o critério final para o significado de uma obra. Uma vez que o texto é publicado, ele se torna uma entidade pública, independente de seu criador. É como um arquiteto que projeta um edifício: uma vez construído, o prédio existe por si só, e sua funcionalidade e beleza são avaliadas independentemente do que o arquiteto "queria" que ele fosse, mas sim pelo que ele é.

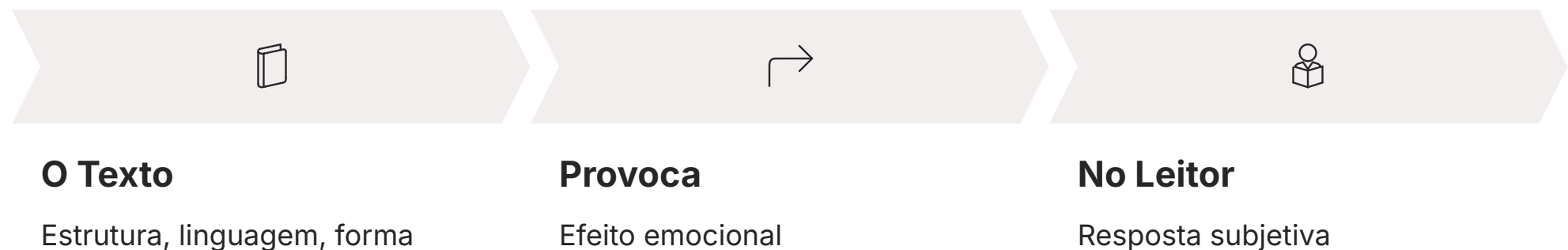
Afinal, como podemos ter certeza da intenção de um autor? Através de cartas, diários, entrevistas? Mesmo assim, essas são informações externas ao texto e podem ser contraditórias ou incompletas. O que importa, para o New Criticism, é o que o texto *realmente diz*, o que ele *realmente faz* em sua estrutura, linguagem e forma. A obra de arte deve ser autossuficiente, e seu significado deve ser derivado de sua própria tessitura, não de uma mente externa.

Por que a intenção não importa?

- Difícil ou impossível de conhecer
- Informações externas podem ser contraditórias
- O texto deve ser autossuficiente
- O significado está na estrutura, não na mente do autor

O Espelho das Emoções: A Falácia Afetiva em Questão

Se a intenção do autor é uma pista falsa, o que dizer das nossas próprias reações ao ler uma obra? É inegável que a literatura nos emociona, nos faz rir, chorar, refletir. Mas, para o New Criticism, basear a interpretação de um texto nas emoções ou nos efeitos que ele provoca no leitor é cair na **falácia afetiva**.



A falácia afetiva argumenta que o significado e o valor de uma obra não podem ser determinados pela resposta emocional ou psicológica do leitor. Se cada leitor tiver uma experiência diferente, como poderíamos ter uma base objetiva para a crítica literária? Seria como um crítico gastronômico que avalia um prato apenas com base em se ele "gostou" ou "não gostou", sem considerar a técnica, os ingredientes, o equilíbrio dos sabores. A crítica se tornaria puramente subjetiva e, portanto, inútil para uma análise rigorosa.

Princípio Central: Para os New Critics, a emoção do leitor é um subproduto da obra, não sua essência. O valor de um poema não reside em "me fazer chorar", mas sim na forma como ele constrói sua linguagem, suas imagens, seus ritmos para *provocar* essa emoção.

O foco deve estar nos elementos textuais que geram o efeito, e não no efeito em si. Ao nos libertarmos da necessidade de validar o texto por nossas emoções, abrimos caminho para uma apreciação mais profunda e estruturada de sua arte.

O Coração do New Criticism: A Metodologia do "Close Reading"

Com as "falácias" intencional e afetiva devidamente desmascaradas, o terreno estava pronto para a principal ferramenta do New Criticism: o **"close reading"** (leitura atenta ou leitura próxima). Se não podemos olhar para o autor nem para o leitor, para onde devemos olhar? A resposta é simples e revolucionária: para o próprio texto, com uma atenção minuciosa e quase forense.

📖 Close Reading

Uma metodologia de análise que exige uma imersão profunda na linguagem, na estrutura, nas imagens, nos ritmos e em todos os elementos formais de uma obra literária.

O "close reading" é muito mais do que apenas "ler com atenção". É uma metodologia de análise que exige uma imersão profunda na linguagem, na estrutura, nas imagens, nos ritmos e em todos os elementos formais de uma obra literária. É como um cientista que examina uma amostra sob o microscópio, buscando cada detalhe, cada nuance, cada conexão interna. O objetivo é desvendar como o texto funciona por dentro, como suas partes se relacionam para criar um significado complexo e unificado.

Essa abordagem nos convida a tratar o texto como um organismo vivo, onde cada palavra, cada vírgula, cada quebra de linha tem um propósito e contribui para o todo. Não se trata de buscar uma mensagem "escondida", mas de entender como a própria linguagem constrói o sentido. Para um estudante universitário ou um candidato a concurso, dominar o "close reading" é uma habilidade inestimável, pois permite ir além da superfície e apresentar análises robustas e bem fundamentadas, baseadas em evidências textuais irrefutáveis.



Desvendando a Teia: Como o "Close Reading" Funciona na Prática

Para entender o poder do "close reading", pense em um detetive que chega à cena de um crime. Ele não tira conclusões precipitadas. Em vez disso, ele examina cada detalhe: a posição dos objetos, as marcas no chão, a iluminação, os sons. Ele busca padrões, inconsistências, pistas que o levem a uma compreensão mais profunda do que realmente aconteceu. O "close reading" aplica essa mesma lógica ao texto literário.

01

Observação Minuciosa

Quais palavras são usadas? Há repetições? Quais figuras de linguagem?

03

Identificação de Tensões

Onde há contradições, ambiguidades ou paradoxos?

02

Análise Estrutural

Como a pontuação afeta o ritmo? Qual é a estrutura da frase, do parágrafo?

04

Conexões Internas

Como os elementos se relacionam para formar uma rede de significados?

Ao praticar o "close reading", você se torna esse detetive literário. Você começa com a observação minuciosa: quais palavras são usadas? Há repetições? Quais são as figuras de linguagem (metáforas, comparações, personificações)? Como a pontuação afeta o ritmo e o sentido? Qual é a estrutura da frase, do parágrafo, do poema? Onde há tensões, contradições ou ambiguidades?

Exemplo Prático: Ao analisar um poema, um "close reader" não se contentaria em dizer que ele é "triste". Ele investigaria *como* o poema constrói essa tristeza: através de palavras específicas (melancolia, sombra, vazio), de imagens (folhas caindo, céu nublado), de um ritmo lento e cadenciado, de rimas que ecoam a sensação de perda.

Cada elemento é examinado em sua relação com os outros, formando uma rede de significados que revela a complexidade da obra. Essa é a essência da autonomia do texto: ele se explica por si mesmo, através de sua própria construção interna.

As Ferramentas do Ofício: Ambiguidade, Ironia e Paradoxo

O "close reading" não é apenas uma técnica; é uma forma de desvendar as complexidades intrínsecas do texto. E para isso, os New Critics destacaram alguns conceitos-chave que são frequentemente encontrados em obras literárias e que revelam a riqueza de seus significados. Entre eles, a **ambiguidade**, a **ironia** e o **paradoxo** são ferramentas essenciais para o analista.



Ambiguidade

Múltiplas interpretações válidas que enriquecem o texto



Ironia


Tensão entre o que é dito e o que é realmente significado



Paradoxo

Verdade profunda em aparente contradição

A literatura raramente é unidimensional. Assim como uma joia lapidada, ela possui múltiplas facetas que refletem a luz de diferentes ângulos. A capacidade de identificar e analisar esses elementos é o que diferencia uma leitura superficial de uma interpretação profunda e perspicaz. Esses conceitos não são "erros" do autor, mas sim recursos artísticos que enriquecem a experiência do leitor e desafiam a interpretação simplista.

 **Importante:** Compreender como a ambiguidade, a ironia e o paradoxo operam em um texto é fundamental para qualquer estudante de Letras ou candidato a concurso. Eles são indicadores de uma obra bem elaborada, que convida à reflexão e à exploração de camadas de sentido.

A Riqueza da Indefinição: Explorando a Ambiguidade

Você já leu uma frase que poderia ter dois ou mais sentidos, e essa multiplicidade de significados a tornava ainda mais interessante? Isso é a **ambiguidade** literária. Para os New Critics, a ambiguidade não é uma falha do texto, mas sim uma de suas maiores virtudes. Ela reflete a complexidade da experiência humana e da própria linguagem.

A ambiguidade ocorre quando uma palavra, frase ou passagem permite múltiplas interpretações válidas, sem que uma delas seja claramente superior às outras. É como uma pintura abstrata que, dependendo do observador, pode evocar diferentes emoções e ideias, todas elas legítimas. Essa "indefinição" calculada enriquece o texto, convidando o leitor a participar ativamente da construção do sentido, explorando as diversas possibilidades que a linguagem oferece.

Por exemplo, em um poema, uma palavra pode ter um sentido literal e um sentido figurado que se complementam, ou uma imagem pode evocar sentimentos contraditórios. O "close reading" nos ajuda a mapear essas diferentes camadas de significado, mostrando como o texto, em sua autonomia, consegue sustentar essa pluralidade sem se desintegrar. É a arte de dizer muitas coisas com poucas palavras, de abrir portas para a imaginação e a reflexão.

Sentido Literal

O significado direto das palavras

Sentido Figurado

Metáforas e simbolismos

Sentidos Múltiplos

Camadas que se complementam

O Jogo de Espelhos: A Sutileza da Ironia

A ironia é um dos recursos mais fascinantes da literatura, e sua análise é crucial para o "close reading". Ela vai muito além do sarcasmo que usamos no dia a dia. A **ironia** literária é um jogo de espelhos, uma tensão entre o que é dito e o que é realmente significado, entre a expectativa e a realidade.

Ironia Verbal

O que se diz é o oposto do que se quer comunicar

Exemplo: "Que dia lindo!" durante uma tempestade

Ironia Dramática

O público sabe algo que os personagens não sabem

Gera suspense ou tragédia

Ironia Situacional

O resultado é o oposto do que se esperava

Subversão de expectativas

Existem diferentes tipos de ironia, mas todas elas compartilham a característica de criar uma distância, uma disjunção. A **ironia verbal** ocorre quando o que se diz é o oposto do que se quer comunicar (como dizer "Que dia lindo!" durante uma tempestade). A **ironia dramática** acontece quando o público sabe algo que os personagens não sabem, gerando suspense ou tragédia. Já a **ironia situacional** se manifesta quando o resultado de uma ação é o oposto do que se esperava. Em todos os casos, a ironia adiciona camadas de significado e complexidade ao texto.

Para os New Critics, a ironia é um elemento fundamental na construção da unidade e da coerência de uma obra. Ela cria uma tensão interna que o "close reading" busca desvendar, mostrando como o texto, em sua aparente contradição, consegue manter um equilíbrio e uma profundidade de sentido. É a arte de subverter expectativas para revelar verdades mais profundas.

A Verdade na Contradição: O Poder do Paradoxo

Se a ambiguidade nos mostra múltiplas verdades e a ironia nos revela a tensão entre o dito e o significado, o **paradoxo** nos confronta com a verdade que reside na aparente contradição. Para os New Critics, o paradoxo é um dos mais potentes recursos literários para expressar a complexidade da experiência humana.

O que é um Paradoxo?

Uma afirmação que parece contraditória ou absurda, mas que, ao ser examinada de perto, revela uma verdade profunda e muitas vezes surpreendente.

Um paradoxo é uma afirmação que parece contraditória ou absurda, mas que, ao ser examinada de perto, revela uma verdade profunda e muitas vezes surpreendente. É como dizer "quanto mais você sabe, mais você percebe que não sabe nada". À primeira vista, parece ilógico, mas reflete a humildade intelectual e a vastidão do conhecimento. Na literatura, o paradoxo desafia nossa lógica linear e nos força a pensar de forma mais complexa.

Exemplos de Paradoxos Literários:

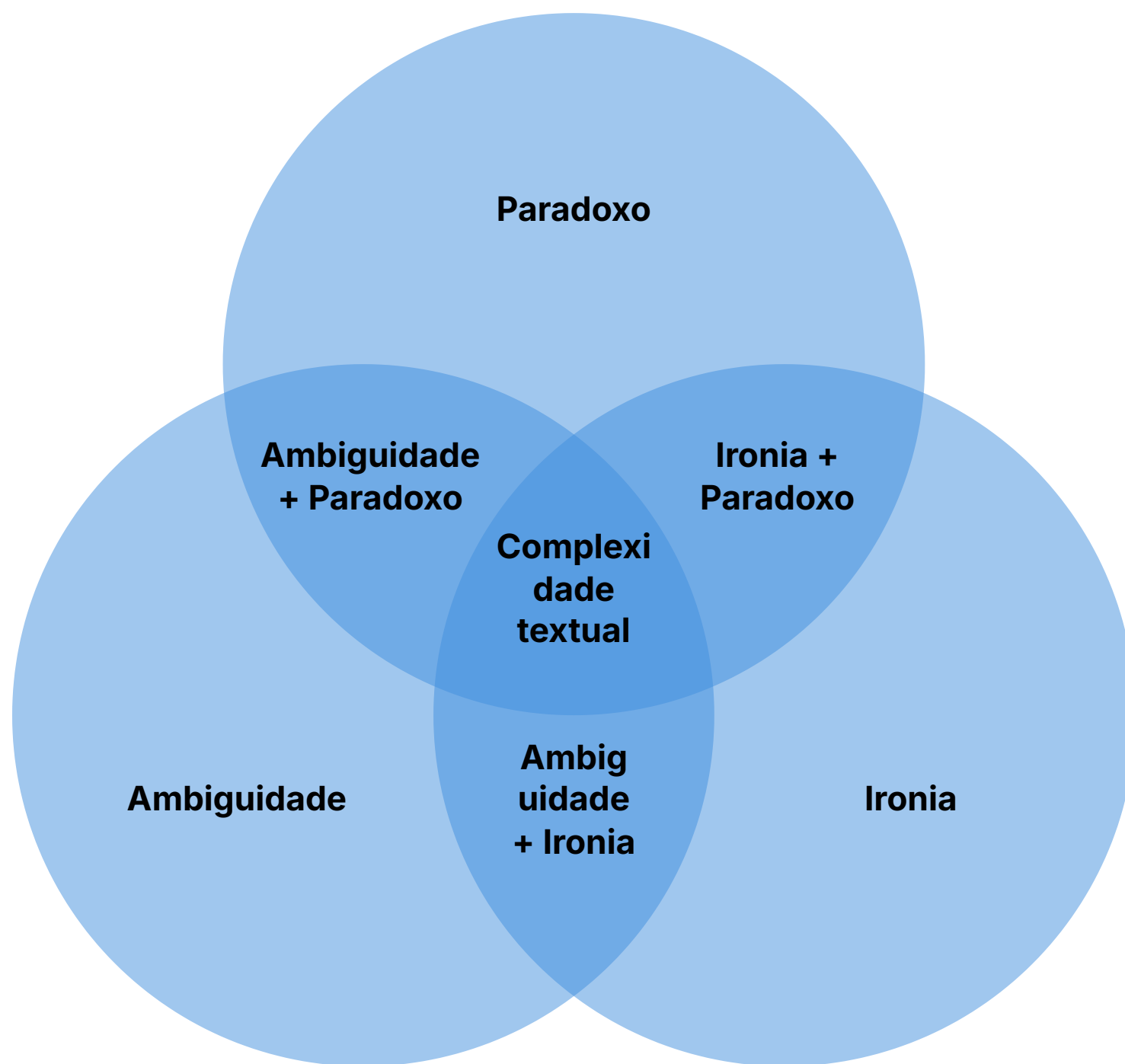
- "A única certeza é a incerteza"
- "Menos é mais"
- "A liberdade está na aceitação"
- "Para viver, é preciso morrer um pouco"



O paradoxo é uma forma de condensar ideias complexas em uma única expressão, criando uma tensão que o "close reading" busca desatar. Ele mostra como o texto, em sua autonomia, pode abrigar ideias opostas e, ainda assim, construir um significado coeso e profundo. É a arte de encontrar a harmonia na dissonância, de revelar a verdade por meio da aparente ilogicidade.

A Sinfonia do Texto: Ambiguidade, Ironia e Paradoxo em Diálogo

Imagine uma orquestra onde cada instrumento toca sua própria melodia, mas todos se unem para criar uma sinfonia complexa e harmoniosa. Da mesma forma, a ambiguidade, a ironia e o paradoxo não operam isoladamente em um texto. Eles frequentemente se entrelaçam, dialogam e se reforçam mutuamente, criando uma rede de significados que o "close reading" busca desvendar.



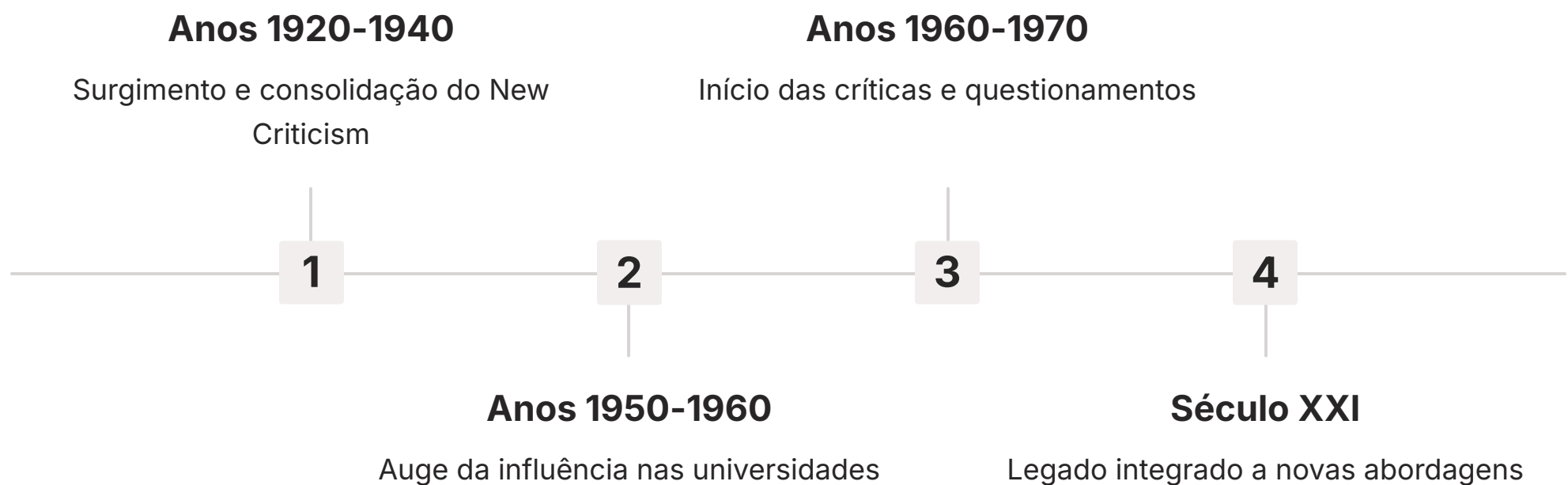
Um poema pode ser ambíguo em sua escolha de palavras, irônico em sua postura em relação a um tema e paradoxal em sua conclusão. A beleza do New Criticism reside na sua capacidade de nos equipar para analisar essa interação. Ao invés de buscar uma única "mensagem" ou uma interpretação definitiva, somos convidados a apreciar a riqueza e a densidade que surgem dessa interação complexa.

Princípio Fundamental: Essa interconexão é o que confere ao texto sua autonomia e sua profundidade. É o que o torna um objeto de estudo inesgotável, capaz de gerar novas percepções a cada leitura atenta.

Para o New Criticism, a obra literária é um universo autossuficiente, e nossa tarefa é explorar suas galáxias internas, mapeando as relações entre seus elementos para compreender a totalidade de sua criação.

O Legado e os Desafios: New Criticism no Século XXI

O New Criticism, com sua ênfase na autonomia do texto e na metodologia do "close reading", revolucionou a forma como a literatura era estudada e ensinada. Sua influência foi tão profunda que, mesmo hoje, a prática de analisar o texto em si, buscando evidências internas para a interpretação, é um pilar fundamental em qualquer curso de Letras e em muitas bancas de concurso.



No entanto, nenhuma teoria é imune ao tempo e às novas perspectivas. As **Informações Atualizadas e Tendências Incorporadas** que você recebeu nos mostram que o campo da Teoria Literária é fluido e dinâmico. A partir dos anos 60 e 70, o New Criticism começou a ser questionado por abordagens que sentiam falta de algo que ele deliberadamente excluiu: o contexto.

Críticas Contemporâneas

- **Estudos Decoloniais:** Questionam o cânone eurocêntrico
- **Crítica Feminista:** Apontam exclusão de vozes femininas
- **Teoria Queer:** Desafiam normas de gênero e sexualidade
- **Materialismo:** Enfatizam condições sociais de produção

❏ **Questão Central:** Ignorar o contexto social, histórico, político e cultural de uma obra é ignorar como ela é produzida, lida e como exerce poder.

Críticas de centros de poder, como os **Estudos Decoloniais**, a **Crítica Feminista** e a **Teoria Queer**, argumentam que ignorar o contexto social, histórico, político e cultural de uma obra é ignorar como ela é produzida, lida e como exerce poder. Elas questionam o cânone literário tradicional, muitas vezes privilegiado pelo New Criticism, e trazem à tona vozes e perspectivas marginalizadas. A **relevância do contexto social**, fortalecida por correntes materialistas e sociológicas, mostra que a literatura não existe em um vácuo, mas dialoga constantemente com o mundo ao seu redor.

Além da Autonomia: Diálogos e Novas Perspectivas

Apesar das críticas, o New Criticism deixou um legado inegável: a valorização da leitura atenta e a convicção de que o texto é o ponto de partida essencial para qualquer análise. Contudo, as tendências atuais nos convidam a ir além da autonomia estrita, buscando uma **interdisciplinaridade** que dialogue com a Filosofia, Sociologia, Psicanálise, História e Estudos Culturais.



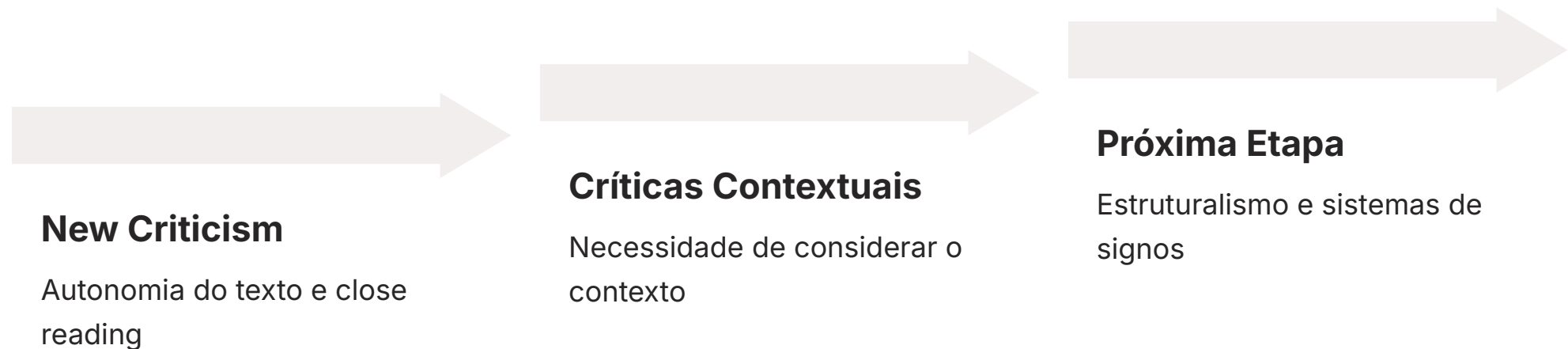
Hoje, a Teoria Literária reconhece que, embora o texto seja central, ele não é uma ilha isolada. Ele é um produto de seu tempo e lugar, e sua interpretação pode ser enriquecida ao considerarmos as forças sociais, políticas e culturais que o moldaram e que ele, por sua vez, ajuda a moldar. É como um mapa: o New Criticism nos ensinou a ler as ruas e os edifícios com precisão, mas as teorias contemporâneas nos convidam a entender a história da cidade, quem a construiu e quem vive nela.

Para o estudante contemporâneo: A capacidade de fazer um "close reading" rigoroso é fundamental, mas também é crucial saber como e quando integrar outras perspectivas para uma análise mais rica e completa.

Assim, o New Criticism não é descartado, mas contextualizado. Ele se torna uma ferramenta valiosa dentro de um arsenal mais amplo de abordagens críticas. Para você, como estudante ou candidato, isso significa que a capacidade de fazer um "close reading" rigoroso é fundamental, mas também é crucial saber como e quando integrar outras perspectivas para uma análise mais rica e completa, especialmente em um cenário acadêmico e de concursos que valoriza a complexidade e a relevância social.

A Ponte para o Futuro: Do Texto à Estrutura

Chegamos ao fim de nossa exploração sobre o New Criticism e sua defesa apaixonada pela autonomia do texto. Vimos como essa escola nos ensinou a olhar para a obra literária com um rigor sem precedentes, desvendando suas complexidades internas através do "close reading" e da análise de elementos como ambiguidade, ironia e paradoxo. É inegável que essa abordagem transformou a crítica literária e continua a ser uma habilidade essencial para qualquer estudioso da área.



No entanto, também percebemos que a jornada da Teoria Literária não termina aqui. As críticas ao New Criticism, que apontam para a necessidade de considerar o contexto e as relações de poder, abrem portas para novas formas de pensar a literatura. Elas nos mostram que, embora o texto seja um ponto de partida crucial, ele é também parte de sistemas maiores de linguagem e cultura.

Prepare-se: Se o New Criticism nos ensinou a ver o texto como um organismo autônomo, a próxima grande corrente teórica nos mostrará como esse organismo se insere em uma estrutura maior, um sistema de signos e significados.

Essa percepção nos leva diretamente à nossa próxima aula. Se o New Criticism nos ensinou a ver o texto como um organismo autônomo, a próxima grande corrente teórica nos mostrará como esse organismo se insere em uma estrutura maior, um sistema de signos e significados. Prepare-se para mergulhar no universo do **Estruturalismo e da Linguística Saussuriana**, onde a linguagem não é apenas um meio, mas uma estrutura fundamental que molda nossa percepção da realidade e da literatura.

Consolidação e Autoavaliação

📄 Resumo da Aula

Nesta aula, desvendamos o New Criticism, uma escola que revolucionou a análise literária ao defender a autonomia do texto. Aprendemos sobre o contexto que a gerou, a crítica às falácias intencional e afetiva, a metodologia do "close reading" e a importância de conceitos como ambiguidade, ironia e paradoxo. Compreendemos que, embora tenha sido criticado por sua desconsideração do contexto, o New Criticism deixou um legado duradouro na forma como abordamos a literatura, enfatizando a análise rigorosa dos elementos textuais.

Contexto Histórico

Insatisfação com a crítica biográfica e impressionista do início do século XX

Falácias Identificadas

Intencional (intenção do autor) e Afetiva (emoção do leitor)

Metodologia Central

Close reading: análise minuciosa dos elementos textuais

Conceitos-Chave

Ambiguidade, ironia e paradoxo como recursos literários

Legado e Críticas

Influência duradoura, mas necessidade de integração com contexto

Em prática:

Ao ler qualquer texto, comece por ele mesmo. Pergunte-se: "O que este texto *diz* e *como* ele diz?" Busque as tensões, as múltiplas camadas de sentido, as contradições aparentes. Use o "close reading" para fundamentar suas interpretações em evidências textuais, e só depois, se necessário, dialogue com o contexto.

Autoavaliação

1

Questão 1

Qual das seguintes afirmações melhor descreve o principal objetivo do New Criticism?

- a) Analisar a biografia do autor para compreender suas intenções na obra.
- b) Estudar o impacto emocional da obra no leitor.
- c) Focar na análise intrínseca do texto como um objeto autônomo.
- d) Relacionar a obra literária com seu contexto histórico e social.

2

Questão 2

A "falácia intencional" é a crítica à prática de:

- a) Interpretar um texto com base nas emoções do leitor.
- b) Buscar o significado de uma obra na suposta intenção do autor.
- c) Ignorar os elementos formais do texto.
- d) Comparar diferentes obras literárias.

3

Questão 3

A metodologia central do New Criticism, que envolve uma análise minuciosa dos elementos textuais, é conhecida como:

- a) Desconstrução.
- b) Leitura dialógica.
- c) Close reading.
- d) Crítica biográfica.

4

Questão 4

Qual dos conceitos abaixo, para o New Criticism, não é considerado um recurso que enriquece a complexidade do texto?

- a) Ambiguidade.
- b) Ironia.
- c) Paradoxo.
- d) Subjetividade do leitor.

5

Questão 5 (Dissertativa)

Explique, em 3 a 5 linhas, como o New Criticism, apesar de suas limitações, ainda contribui para a formação de um leitor crítico no cenário atual da Teoria Literária.

Gabarito

Questão 1

Resposta: c)

Focar na análise intrínseca do texto como um objeto autônomo.

Questão 2

Resposta: b)

Buscar o significado de uma obra na suposta intenção do autor.

Questão 3

Resposta: c)

Close reading.

Questão 4

Resposta: d)

Subjetividade do leitor.

Questão 5 - Resposta Esperada

O New Criticism, ao insistir na autonomia do texto e na metodologia do "close reading", estabeleceu a base para qualquer análise literária rigorosa. Ele ensina o leitor a buscar evidências internas na obra, a valorizar a linguagem e a estrutura, e a desconfiar de interpretações superficiais. Mesmo com as críticas contemporâneas que pedem a inclusão do contexto, a capacidade de analisar o texto em si permanece uma habilidade fundamental e indispensável para a compreensão aprofundada da literatura.

Recursos Adicionais

Leituras Fundamentais

- **"A Falácia Intencional" e "A Falácia Afetiva"** de W.K. Wimsatt e Monroe C. Beardsley (para aprofundar nos conceitos)
- **"Tradição e Talento Individual"** de T.S. Eliot (para entender os precursores)

Recursos Audiovisuais

- Documentários sobre a história da Teoria Literária (para contextualização visual)
- Palestras e aulas online sobre New Criticism

Próxima Aula:

Aula 8 – O Estruturalismo e a Linguística Saussuriana

Prepare-se para explorar como a linguagem funciona como um sistema de signos que molda nossa compreensão da realidade e da literatura.



NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.